

A IMPORTANCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

COSTA, Solange Mantanher Maciel e¹
GONÇALVES, Valdirene Polassi²
REIFUR, Sílvia³
SILVA, Eliane Aparecida Rocha da⁴
SILVA, Elias do Nascimento⁵
SILVA, Marinete Miranda da⁶

RESUMO: A educação lúdica na Educação Infantil, incorporada nesta pesquisa faz parte de estudos e pesquisas teóricas e práticas pedagógicas conduzidas por mim sobre o mesmo tema abordado. Hoje, o trabalho lúdico é enriquecido também com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas que reconhecem esse trabalho no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil, pois, o brincar nos traz prazer. Para Vigotsky (citado por Gisela Wajskop, na sua obra Brincar na Pré-escola, 2005, p. 34 e 35) a aprendizagem configura-se no desenvolvimento das funções superiores, através da apropriação e internalização de signos e instrumentos em um contexto de interação. Proporcionando a essas crianças um ambiente gostoso, envolvendo músicas, jogos, desafios, junto com a criatividade da criança para a construção do seu conhecimento. Pois a maneira lúdica de ensinar, é fundamental pra a criança, porque ela precisa de alegria, brincadeiras, jogos, músicas, teatros, dramatizações, enfim, a criança necessita de desafios, onde precisa saber respeitar o limite de cada brincadeira, desde que desperte o interesse e a motivação das crianças na construção e reconstrução do conhecimento.

Palavras-chave: Ludicidade. Criança. Desenvolvimento. Conhecimento.

1-INTRODUÇÃO

¹ Pedagoga pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordenadora Pedagógica na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais. Especialista em Educação Interdisciplinar de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental com Ênfase em Educação Infantil pelo Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena - AJES E-mail: solangecasacriador@hotmail.com

² Acadêmica do 8º semestre do Curso de Administração Pública da Universidade do Estado de Mato Aberta do Brasil Grosso. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais. E-mail: valdirene155@hotmail.com

³ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais. E-mail: silvanareifur@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 3º semestre do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais E-mail: elianepsrocha@gmail.com

⁵ Pedagogo pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Secretário Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais Especialista em Gestão Escolar pela Universidade da Cidade de São Paulo-UNICID. E-mail: ninffeto@hotmail.com

⁶ Acadêmica do 3º semestre do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais E-mail: marinetymiranda@hotmail.com

A aprendizagem humana supõe uma natureza social específica e um processo mediante a qual as crianças acendem a vida intelectual daqueles que as rodeiam. É por isso que, para ele, a brincadeira, [...] cria na criança uma forma de desejos. Ensina-se a desejar, relacionando os seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel na brincadeira a seus signos. (PEREZI, et al, 2015).

Nas palavras de Wajskop (1995), a brincadeira consiste num fato social, espaço privilegiado de interação, atividade cuja base genética é comum à arte; uma atividade voluntária, consciente e organizada. Na perspectiva vygotskyana, brincadeira é coisa séria, pois brincando as crianças representam aquilo que não são, mas gostariam de ser, isto é, um constante faz-de-conta. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são adquiridas no brinquedo.

Segundo Barros (citado por Santos, 2000, p.110 e 111), jogos são todas as atividades da criança, desde as mais simples atividades motoras até as atividades mentais.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação expressão e construção do conhecimento.

O presente estudo se realiza sobre a importância do lúdico na Educação Infantil, vivenciando a maneira alegre de ensinar juntamente com o prazer de aprender. Por meio das atividades metodológicas, com alegria para despertar o prazer da descoberta para a construção do conhecimento com um sabor gostoso, de aprender brincando.

Tudo que desenvolvemos com prazer, com certeza se obterá um grande sucesso. Quando uma criança se sente atraída com o lúdico, ela aprenderá e crescerá espontaneamente. Portanto, ainda nos deparamos com ambientes escolares nada atrativos para as crianças, onde se entregam à monotonia de ensinar esquecendo que com o lúdico a criança aprende brincando.

O brincar é uma atividade natural da criança, então, devemos dar mais importância da prática lúdica em Educação Infantil. Assim, acredito ser de suma importância a valorização do lúdico no processo da formação da criança. Pois, jogos, brinquedos, brincadeiras, são atividades fundamentais da infância. O lúdico favorece a imaginação, a confiança e a curiosidade, proporciona a socialização, desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da criatividade e concentração.

Segundo Vigotsky (citado por Wajskop, 2005, p. 32 e 33), é na brincadeira que a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário. A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade.

Ainda para estes pesquisadores, o brinquedo fornece estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência da criança. A ação infantil na esfera imaginativa, em sua situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos de vida real e motivações volitivas aparecem no brinquedo, que se constitui no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. Pois, as crianças quando brincam desenvolvem o imaginário, as crianças podem constituir relações reais entre elas e elaborar signos de organização e convivência. Ao brincarem, as crianças vão construindo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que já vive uma possibilidade de modificá-la.

A brincadeira infantil pode constituir-se em atividades em que as crianças, sozinhas ou em grupo, procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente. O desenvolvimento da criança deve se dar por completo, tanto no físico, emocional, intelectual e social, e, para isso, a criança deve sentir o prazer para aprender, onde o lúdico proporciona à criança construir e elaborar a relação eu-mundo; pois além do prazer proporcionado através do brincar, dominam suas angústias, controle ideias e impulsos que conduzem às mesmas, caso não sejam dominados. (KISHIMOTO, 2005).

2- ENFOCANDO A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM.

Este trabalho tem como objetivo repensar qual o papel da infância dentro da Educação Infantil, a criança como sujeito de direitos ou um adulto em miniatura que prepara para o futuro, o referencial teórico que pauta o artigo em questão é a perspectiva histórico-cultural. Pois há algum tempo algumas escolas tornaram-se um local de exclusão, limitações e castração da criatividade e liberdade infantil, onde muitas vezes os jogos e as brincadeiras da cultura infantil são ignorados, deixando de lado o aspecto lúdico da criança negando sua corporeidade.

E riquíssima a utilização do lúdico na escola como recurso pedagógico. Para compreender melhor e situar a história da pré-escola inicia em 1976, com três unidades inauguradas nas zonas de maior carência sócio econômicas do município. De início improvisadas em salas de igrejas, prédios de escolas abandonadas, etc. A iniciativa deste programa foi fortemente influenciada pelo debate que se desenvolvia a nível nacional a respeito da “privação cultural” que eram submetidas as crianças, desprovidas de condições mínimas de alimentação, saúde e educação. Produziam “déficits” intelectuais praticamente irreversíveis, o que justifica o fracasso na alfabetização com a reprovação em massa na percepção primeira série do primeiro grau e exclusão da escola. (KISHIMOTO, 2002).

Esse quadro favorece a ideia de que antecipam a escolarização e proporcionando às crianças merenda e assistência à saúde em programas que ampliassem quantitativamente o atendimento a baixo custo, estariam compensando as carências que impediam o avanço na escolarização. Institui-se, a então “pré-escola” com a clara intenção de “preparar” para a escola.

Se colocar-nos um pouco de história da educação da infância, vamos ver que, inicialmente, a infância não é o objeto de educação. Ela é objeto de cuidado. O próprio pedagogo não era “o educador” de hoje. Era muito mais um condutor, aquele que guiava, era quase um guia moral. Não tinha esta condição de pedagogo que hoje damos à nossa profissão mais moderna. A infância, como existia naquela velha concepção, era muito mais objeto de assistência.

Num sentido muito certo de que a idade de 0 a 6 anos tem uma identidade em si mesma, ela não está apenas definida pela futura inserção na escola. A pré-escolarização prematura, fazer tudo para que a criança tenha controle maior para segurar o lápis, para que entre logo na Matemática, tudo isso não para a nossa direção.

Muitos profissionais da pré-escola terão que ter coragem para redefinir esta visão. Ela é demasiada estreita para dar conta da construção social da infância e dos avanços aonde ela chegou. Na década de 80 prepara a infância para um dia ser cidadão, na arte de um dia ter consciência de seus direitos, e na década de 90 a ideia de que a função principal da escola é preparar a infância e a adolescência para a cidadania consciente. O autor concorda, mas em termos de ter cuidado de não cair na linha a qual me referia e que estava criticando: a infância não tendo sentido em si mesma. Ela vista apenas com um preparatório para o futuro.

Na visão de Santin (citado no texto *Lúdico na Educação...*, acessado em 18-11-05) o adulto, em geral considera a criança como outro eu. Ela é percebida como um homem pequeno, uma miniatura. E quanto melhor ela reproduzia a forma original, mais encantado ficamos. Para Arroyo (citado no texto *Lúdico na Educação...*, acessado em 18-11-05) a proposta é a educação, a escola enquanto serviço público permitindo a vivência de todas as dimensões da pessoa do presente. Não queremos uma escola para um dia ser. Queremos uma escola onde na infância a cidadania seja uma realidade. Em nome de um dia ser, não deixamos que a criança seja presente.

A ideia fundamental da nossa é que a escola infantil dê condições materiais, pedagógicas, culturais, sociais, humanas, alimentares, espaciais, para que a criança viva como sujeito de direitos, se experimente ela mesma enquanto sujeito de direitos. Permita ter todas as dimensões, ações, informações, construções e vivência. Queremos ter uma escola viva, em que se viva a cidadania e não uma escola onde se soube um dia ser cidadão. A infância já é cidadã, é um ser vivo, é ser cultural já, é ser social já.

O que diferencia e distancia o adulto da criança não é apenas a idade e o tamanho: talvez, a maior diferença e a maior distância aconteçam na maneira de ver a realidade e de viver a própria vida. A vida do adulto é marcada pela seriedade, dedicação às atividades produtivas, pela valorização dos resultados, pela transformação dos objetos em instrumentos e pela mudança do sistema simbólico por relações econômicas. A vida da criança está entregue à sua imaginação. A realidade é o presente vivido, sentido de maneira direta e imediata. Para tudo acontece como se estivesse sempre no reino do brinquedo, viver é brincar e brincar é viver. (DORNELLES, 2005)

A vida infantil é constituída pelo mundo do brinquedo, o mundo criado pelas crianças, onde ela mesma se auto cria. Esse caráter lúdico da vida infantil deve ser preservado. As creches devem garantir que as crianças possam brincar diariamente, valorizando-a como uma atividade sociocultural importante que caracteriza e garante a experiência da infância. Nessa perspectiva, a utilização do brinquedo e da brincadeira no cotidiano das instituições deve estar associada a atividades criativas, autônomas e imaginativas e, simultaneamente, estar em constante relação com atividades criativas do trabalho e da aprendizagem formal.

A brincadeira não é uma atividade inata, mas sim uma atividade social e

humana e que supõe contextos sociais, a partir dos quais as crianças recriam a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios.

É uma atividade social aprendida através das interações humanas. É o adulto ou as crianças mais velhas que ensinam o bebê a brincar, interagindo e atribuindo significado aos objetos e às ações, introduzindo a criança no mundo da brincadeira.

3- HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO LÚDICA

Paulo Nunes de Almeida (1990) introduziu a educação lúdica no Brasil, proposta que, além de estimular as faculdades cognitivas da criança, promove um ensino mais significativo, eficiente e ajustado aos seus interesses. Os jogos constituíram sempre uma forma de atividade inerente ao ser humano. Entre os primitivos, por exemplo, as atividades de dança, pesca, lutas, eram tidas como sobrevivência, deixando, muita vezes, o caráter restrito de divertimento e prazer natural.

As crianças, nos jogos, participavam de empreendimentos técnicos e mágicos. O corpo e o meio, a infância e cultura adulta faziam parte de um só mundo. Esse mundo podia ser pequeno, mais era eminentemente coerente, uma vez que os jogos caracterizavam a própria cultura, a cultura era educação, e a educação representava a sobrevivência. Na Antiga Grécia, um dos maiores pensadores, Platão (427-348), afirmava que os primeiros anos da criança deveriam ser ocupados com jogos educativos, praticados em comum pelos dois sexos, sobre a vigilância e em jardins de crianças. Segundo ele e todo pensamento grego da época, a educação propriamente dita deveria começar aos sete anos de idade.

Platão dava o esporte, tão difundido na época, valor educativo, moral, colocando-o em pé de igualdade com a cultura intelectual e em estreita colaboração com ela na formação do caráter e da personalidade. Por isso investia contra o espírito competitivo dos jogos, que, muitas vezes, usados de forma institucional pelo Estado, causavam danos à formação das crianças e dos jovens.

Platão introduziu também, de um modo bastante diferente, uma prática matemática lúdica, tão enfatizada hoje em dia. Ele aplicava exercícios de cálculos ligados a problemas concertos, extraídos da vida e dos negócios. Afirmava: "Todas

as crianças devem estudar a Matemática, pelo menos no grau elementar, introduzindo desde o início atrativos em forma de jogo”. Platão ia além da concretização: não queria que os problemas elementares de cálculos tivessem apenas aplicações práticas; queria que atingisse um nível superior de abstração.

Mesmo entre os egípcios, romanos, maias, os jogos serviam de meio para a geração mais jovem aprender com os mais velhos valores e conhecimentos, bem como normas dos padrões de vida social. Com a ascensão do cristianismo, os jogos foram perdendo o seu valor, pois eram considerados profanos e imorais e sem nenhuma significação.

A partir do século XVI, os humanistas começaram a perceber o valor educativo dos jogos, e os colégios jesuítas foram os primeiros a recolocá-los em prática. Impuseram, pouco a pouco, às pessoas de bem e aos amantes da ordem uma opinião menos radical com relação aos jogos. Philippe Áries (citado por ALMEIDA, 1990, p. 16), pesquisador da vida social da criança e da família, em relação aos jogos afirma:

Os padres compreenderam desde o início que não era possível nem desejável suprimi-los ou mesmo fazê-los depender de permissões precárias e vergonhosas. Ao contrario, propuseram-se a assimilá-los e introduzi-los oficialmente em seus programas e regulamentos e controlá-los. Assim, disciplinados os jogos, reconhecidos como bons, foram admitidos, recompensados e considerados a partir de então como meios de educação tão estimados quanto os estudos.

Um sentimento novo apareceu: a educação adotou os jogos que até então havia proscrito e tolerado como um mal menor. Os jesuítas editaram em latim tratados de ginástica que forneciam regras dos jogos recomendados e passaram a aplicar nos colégios a dança, a comédia, os jogos de azar, transformados em práticas educativas para a aprendizagem da ortografia e da gramática.

Outros teóricos, precursores de novos métodos ativos da educação, frisaram a importância do processo lúdico na educação das crianças ensina-lhes por meio de jogos, proclamava Rabelais, ainda no século XVI, dizendo: “Ensina-lhes a afeição à leitura e ao desenho, a até os jogos de cartas e fixas servem para o ensino da geometria e da aritmética”.

Montaigne (1533-1592) já partia para o campo da observação, fazendo com que a criança adquirisse curiosidade por todas as coisas que visse ao redor: um edifício, uma ponte, um homem, um lugar, ou uma passagem de Carlos Magno ou

César. (MONTAIGNE, 1980).

(Comênio (1592-1671) resumia seu método em três ideias fundamentais que foram as bases da nova didática: naturalidade, intuição e auto atividade. Esse método natural, que obedeceu às leis do desenvolvimento da criança, trás consigo rapidez, facilidade e consistência no aprendizado. (SANTOS, 2010).

Jean Jacques Rousseau (1712-1778) demonstrou que a criança tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhes são próprias; demonstrou que não se aprende nada se não através de uma conquista ativa. “Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal: só da experiência ele deve receber”. Percebeu ainda que só se aprende a pensar se se exercitar os sentidos, instrumentos da inteligência, e para tirar todo proveito possível é preciso que o corpo que os forneça seja robusto e são. (SANTOS, 2010).

Assim, “a boa constituição do corpo é que torna as operações do espírito fáceis e seguras”. Rousseau destacou também o interesse que a criança sente quando participa de um processo que corresponde a sua alegria natural. “Em todos os jogos em que estão persuadidas de que se trata apenas de jogos, as crianças as crianças sofrem sem se queixar, rindo mesmo, o que nunca sofreriam de outro modo sem derramar torrentes de lágrimas”.

Pestalozzi (1776-1827), graças ao seu espírito de observação sobre o progresso do desenvolvimento psicológico dos alunos e sobre o êxito ou fracasso das técnicas pedagógicas empregadas, abriu um novo rumo para a educação moderna. Segundo ele, a escola é uma verdadeira sociedade, na qual o senso de responsabilidade e as normas de cooperação são suficientes para educar as crianças, e o jogo é um fator decisivo que enriquece o senso de responsabilidade e fortifica as normas de cooperação. . (SANTOS, 2010).

Froebel (1782-1852), discípulo de Pestalozzi, estabelece que a pedagogia deve considerar a criança como atividade criadora, e despertar, mediante estímulos, as suas faculdades próprias para a criação produtiva. Na verdade, com Froebel se fortaleceram os métodos lúdicos na educação. O grande educador faz do jogo uma arte, um admirável instrumento para promover a educação para as crianças. “A educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, auto expressão e participação social às crianças”.

A melhor forma de conduzir a criança à socialização seria através dos jogos. Tal teoria froebeliana foi que realmente determinou os jogos como fatores decisivos

na educação das crianças. Uma evolução ainda maior, temos o grande pensador norte-americano: Dewey (1859-1952). Para ele, as diversas formas de ocupação ativa têm a oportunidade de filiar-se à vida, de fazer o ambiente natural da criança, onde ela aprende a viver retamente, em vez de aprender simplesmente lições que tenham uma abstrata e remota referência a alguma vida possível que haja de localizar-se no possuir. “O jogo faz o ambiente natural da criança, ao passo que as referências abstratas e remotas não correspondem ao interesse da criança”.

Partindo de que a verdadeira educação é aquela que cria na criança o melhor comportamento para satisfazer suas múltiplas necessidades orgânicas e intelectuais – necessidade de saber, de explorar, de observar, de trabalhar, de jogar, em suma, de viver –, a educação não tem outro caminho senão organizar seus conhecimentos, partindo das necessidades e interesses da criança. Afirmar Claparède: “Não é, pois, nada absurdo pensar que o jogo possa ser uma etapa indispensável para a aquisição do trabalho. E a observação demonstra que o é, na verdade. Não há, contudo, entre o jogo e o trabalho, a oposição que a pedagogia tradicional supõe”.

Montessori (1870-1952) constitui a referência obrigatória de toda reflexão pedagógica sobre o ensino pré-elementar. Tendo encontrado em Froebel a ideia dos jogos educativos, ela remonta à necessidade desses jogos para a educação de cada um dos sentidos. Os jogos sensoriais estão ligados a seu nome. . (SANTOS, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jean Piaget cita em diversas de suas obras fatos e experiências lúdicas aplicados em crianças, e deixa transparecer claramente seu entusiasmo por esse novo processo. Para ele, os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energias das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. Por exemplo, os jogos pré-operatórios (antes do período escolar) não servem somente para desenvolver o instinto natural, mas para representar simbolicamente o conjunto de realidades vividas pela criança.

Na tentativa que a criança faz para assimilar uma realidade, e não possuindo ainda estruturas mentais plenamente desenvolvidas ela aplica os esquemas de que

dispõe, reconstruindo esse universo próximo, com o qual convive. Em muitos casos, essa tentativa de reconstruir a realidade acaba deformando-a de modo “egocêntrico”, pois, “sob essas formas iniciais, constitui uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando a realidade de acordo com as múltiplas necessidades do ‘eu’”.

Para Piaget, os jogos tornam-se mais significativos à medida que a criança se desenvolve, pois a partir da livre manipulação de materiais variados, ela passa a reconstruir objetos, reinventar as coisas, o que já existe uma adaptação mais completa. Essa adaptação, que deve ser realizada pela infância, consiste numa síntese progressiva da assimilação com a acomodação.

Desde Clapaède e Dewey, Wallon e Piaget se fica bastante claro que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais e sociais superiores, por isso indispensável à prática educativa. Cada dia que passa, a educação lúdica vai ganhando novas conotações e, aos pouco, evoluindo do sentido de desenvolvimento, estimulação, técnica para um sentido mais político, transformador e libertador. (SANTOS, 2010).

A educação lúdica toma a sua verdadeira forma com o enfoque apresentado por Celestin Freinet ao definir o “trabalho-jogo” em um enfoque político-libertário apresentado por Paulo Freire. Celestin Freinet, a princípio parece excluir os jogos da atividade educativa séria e formadora. Ele mesmo explica: “Tentaremos não mais nos deixar levar a essas atividades arbitrariamente impostas que suscitam e pedem os jogos de lucro e dos jogos-haxixe”. (FREINET, 1998).

Na realidade, ele investe contra a pedagogia dos jogos que leva a criança a jogar segundo uma estratégia concebida pelo adulto (de fora para dentro). Investe contra a prática pedagógica que substitui todas as espécies de atividades sérias (trabalho) pelos jogos com intuito de satisfazer apenas as necessidades de prazer e alegria das crianças (modismo). Por outro lado, Freinet justifica suas condenações e valoriza o jogo como atividade educativa, ao definir a sua prática relativa ao trabalho-jogo. (FREINET, 1998).

Para ele, a criança deve dedicar-se com tanta afeição ao trabalho como se fosse um jogo (satisfação e prazer), mas nunca ao jogo em si, tomando o lugar do trabalho, simplesmente pelo fato de jogar. Ele afirma que se a organização escolar, o comportamento adulto, o exemplo humano passam à criança o sentido de que o importante é a satisfação de sua necessidade de jogar, ela se persuadirá

inconscientemente de que tal é a natureza de seu destino; e quando se exigir dela um esforço, a noção de trabalho, talvez racionalizada, talvez intelectualmente compreendida e aceita, virá a assentar em seu ser, mas permanecerá como uma obrigação não essencial, uma ação e não uma função; um acessório e não um motor de toda a sua vida.

Evidentemente, essa atividade séria, essa busca de novos conhecimentos exigem do estudante uma ação ativa, indagadora, reflexiva, desvendadora, socializadora, criativa, relações essas que constituem a essência psicogenética da educação lúdica, em total oposição à passividade, submissão, alienação, irreflexão, condicionamento da pedagogia dominadora.

Em síntese, considerando toda a evolução dos jogos, podemos dizer que a educação lúdica integra na sua essência uma concepção teórica profunda e uma concepção prática atuante e concreta. Seus objetivos são a estimulação das relações cognitivas, afetivas, verbais, psicomotoras, sociais, a mediação socializadora do conhecimento e a provocação para uma reação ativa, crítica, criativa dos alunos. Eles fazem do ato de educar um compromisso consciente, intencional e modificador da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A IMPORTÂNCIA do Lúdico no Desenvolvimento da Criança.

www.saudevidaonline.com.br/artigo.68.htm. Acesso em 20 de Jul 2016..

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica, técnicas e jogos pedagógicos**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

COMENIO, J. A. Didática Magna. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

DORNELLES, L. V. **Infâncias que nos escapam**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FREINET, Célestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FROEBEL, F. A educação do homem. Trad. Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

KISHIMOTO, Morchida Tizuko. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **O Jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LÚDICO na Educação Infantil. www.centrorefeducacional.pro.br/ludicoein/htm. Acesso em 18, nov. 2005.

MONTAIGNE. **Da educação das crianças**. IN: Ensaios. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).

O LÚDICO Ilumina a Infância. www.terra.com.br/educacao/teletrabalho/pedagoludico.htm. Acesso em 15 de Jul 2016.

PEREZI, Cassiana Purcino; ANDRADE, Luana Cardoso de; RODRIGUES, Morgania Ferreira. **Desvendando as Geociências: alfabetização científica em oficinas didáticas para o ensino fundamental em Porto Velho**, Rondônia. Terra e Didática, v. 11, n. 1, p. 42-51, 2015.

PIAGET, Jean. **Pedagogia e Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro Forense Universitária: 2004.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WAYSKOP, Gisela. **Brincar na Pré-Escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Brincar na Pré-Escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, José Roberto Moraes dos. **O Lúdico, a educação e a aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2010.